

"The perfect dose of  
sweet, hilarious joy."  
—CHRISTINA LAUREN



a novel



YOU  
DESERVE  
EACH  
OTHER



Sarah Hogle

# YOU DESERVE EACH OTHER



Sarah Hogle





BOOKSUNFLOWERS

# Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

# PROLOGO



Acho que ele vai me beijar hoje à noite.

Se ele não beijar, sou capaz de morrer. Esse é o nosso segundo encontro e estamos estacionados em um cinema drive-in, fingindo assistir a um filme e ao mesmo tempo trocando olhares furtivos. O filme tem duas horas e cinco minutos de duração. Passamos uma hora e cinquenta e cinco minutos sem nos beijar. Não quero parecer desesperada, mas não contornei um terço do meu corpo com tamanha quantidade de iluminador para não deixar sequer um pouco do pó na camisa dele. Se tudo correr conforme o planejado, ele voltará mancando para casa esta noite, com o cabelo todo desgrenhado e uma quantidade suficiente de iluminador nas roupas que irá fazê-lo refletir a imagem dos carros que estiverem passando. Ele vai ficar com o cheiro dos meus feromônios por uma semana, não importa o quão forte ele se esfregue no banho.

Não tenho sido discreta com as insinuações. Estou lambendo, mordiscando e tocando meus lábios preguiçosamente para chamar atenção para eles – conselho que li na revista *Cosmopolitan*. Meu gloss brilhante foi fabricado em um laboratório, com a função de atrair as bocas masculinas, tão eficaz quanto o abrir das penas de um pavão. Os instintos primitivos de Nicholas não serão capazes de resistir. O gloss também é como um ímã para o meu cabelo, pois continuo sentindo o gosto de laquê extra-fixador em minha boca, é que às vezes a beleza exige sacrifício. Além de todas essas coisas, minha mão esquerda está descansando distraidamente sobre o meu assento, a palma para cima, para dá-lo o máximo de acessibilidade caso ele queira pegar minha mão e me levar para sua casa.

Minhas esperanças começam a murchar quando ele olha para mim e rapidamente desvia os olhos. Talvez ele seja o tipo de pessoa que vai a um cinema drive-in para realmente assistir ao filme. Talvez ele simplesmente não

esteja no clima, por mais que eu odeie cogitar isso. Não seria a primeira vez que um galanteador charmoso se despediria de mim com um beijo de boa noite e desapareceria da minha vida bem quando eu achei que as coisas estavam ficando boas.

E então eu vejo: um sinal de que ter mastigado o meu cabelo durante toda a noite não foi em vão. O sinal chega na forma de uma embalagem de balinha vazia colocada no porta-copos. Eu sutilmente farejo o ar e, caramba, é definitivamente cheiro de amoras-pretas. Verifico o porta-copos novamente e é ainda melhor do que eu pensei. Duas embalagens vazias! Ele comeu duas! Um homem não chupa duas balinhas a menos que esteja se preparando para tomar uma pequena atitude.

Meu deus, esse homem é tão bonito que estou metade convencida de que, de alguma forma, eu o manipulei a fazer isso. Gosto de cada detalhe sobre Nicholas. Ele não esperou três dias para ligar após o primeiro encontro. Todas as mensagens dele são escritas de forma gramaticalmente correta. Ainda não recebi uma nude não solicitada do pau dele. Já quero reservar um salão de baile para nossa recepção de casamento.

— Naomi? — ele diz, e eu pisco.

— Sim?

Ele sorri. É um gesto tão adorável que eu sorrio também.

— Você me ouviu?

A resposta é não, porque estou aqui, admirando o perfil de seu rosto e apaixonada demais por essa parte dele, mesmo ainda estando bem no início do nosso... eu não posso nem chamar isso de relacionamento. Só tivemos dois encontros. *Controle-se, Naomi.*

— Costuma viver muito no mundo da lua? — ele supõe.

Eu me sinto corar.

— Sim. Desculpa. Às vezes as pessoas falam comigo e eu sequer percebo.

Seu sorriso se alarga.

— Você é fofa.

Ele me acha fofa? Meu coração palpita e se acende. Eu faço um discurso de agradecimento mental aos meus cílios postiços e para a blusa decotada (mas elegante) que estou vestindo.

Ele inclina a cabeça, me estudando.

— Eu estava dizendo que o filme acabou.

Ergo minha cabeça na direção do telão. Ele tem razão. Não faço ideia de como o filme terminou e não conseguiria dizer quais foram os principais pontos

da trama. Acho que era um romance, mas quem se importa? Estou muito mais interessada no romance acontecendo dentro deste carro. O estacionamento agora está deserto, garantindo a nós dois privacidade suficiente para fazer minha imaginação ir à loucura. Qualquer coisa pode acontecer. Somos apenas eu, Nicholas, e...

O cardigã rosa perfeitamente dobrado no banco de trás, que obviamente pertence a uma mulher, e essa mulher não sou eu.

Meu estômago embrulha e Nicholas acompanha o meu olhar.

— Isso é para minha mãe — ele diz rapidamente. Não fico muito convencida até que ele me mostra um cartão que diz “FELIZ ANIVERSÁRIO” embaixo da peça de roupa, o qual ele assinou e adicionou uma mensagem pessoal. *Te amo, mãe!* Eu desmaio por dentro.

— Isso é muita gentileza sua — digo a ele, perfeitamente ciente do clima isolado e íntimo dentro do carro. Estou uma bagunça, sentindo borboletas no estômago, e as embalagens de balinhas descartadas continuam atraindo o meu olhar. O filme acabou, então o que ele está esperando? — Obrigada por me trazer aqui. Não há muitos cinemas drive-ins sobrando hoje em dia. Provavelmente apenas uns dois em toda a região Meio-Oeste.

É ainda mais raro encontrar um que funcione durante todo o ano. Felizmente, recebemos um aquecedor elétrico de cortesia para compensar a insanidade de fazer algo assim em pleno janeiro. Há alguns cobertores estendidos sobre nós e, para um encontro inusitado no inverno, tem sido surpreendentemente aconchegante até agora.

— Na verdade, restam oito no estado — diz ele. O fato de ele saber essa curiosidade de cabeça é impressionante. — Está com fome? Tem uma barraca de iogurte congelado aqui perto que vende o melhor iogurte congelado que você já tomou na vida.

Eu não sou muito fã de iogurte congelado (especialmente quando o tempo está frio), mas de jeito nenhum vou ser nada menos que agradável. Ainda não nos conhecemos muito bem, e se eu quiser conseguir um terceiro encontro, precisarei parecer o tipo de pessoa fácil de agradar. Sou a Naomi tranquila, divertida de se ter por perto e *definitivamente* divertida de se beijar. Talvez depois do iogurte congelado ele me beije. E possivelmente desabotoe a camisa.

— Parece uma ótima ideia!

Em vez de colocar o cinto de segurança e ligar o carro, ele hesita. Mexe nos botões do rádio até que o barulho de interferência sintoniza em uma animada música indie chamada “You Say It Too”. Me dou conta de que ele ficou tão

quieto assim porque está nervoso, não desinteressado, o que me surpreende, porque até agora ele não demonstrou nada além de confiança. Há um certo clima no ar e minha pulsação acelera com a intuição do que está por vir. O ritmo da minha corrente sanguínea se torna um canto. *Sim! Sim! Sim!*

— Você é linda — diz ele com seriedade, virando-se para me encarar por completo. Seus olhos parecem hesitantes enquanto ele morde a bochecha, e eu fico surpresa ao notar que *ele é* quem está nervoso. Meu coração saltita quando ele se inclina dois centímetros para mais perto de mim. Então, mais outro. Seus lábios se abrem, o olhar desce para a minha boca, e, simples assim, eu não consigo mais lembrar de nenhum outro homem que já namorei, Nicholas os ofuscou completamente. Ele é inteligente, charmoso e perfeito, absolutamente perfeito para mim.

Meu coração agora está alojado firmemente na garganta. Seus dedos acariciam meu cabelo, inclinando minha cabeça para encontrar a dele. Nicholas se aproxima mais um último centímetro e ilumina meu mundo como uma estrela cadente; ansiedade e admiração e uma sensação de tremenda certeza correm em minhas veias. Ele me beija e eu me torno um caso perdido, como eu sabia que aconteceria.

Que noite mágica e extraordinária.

# CAPÍTULO UM

UM ANO E NOVE MESES DEPOIS



Que dia feio e horrível. A chuva escorre pelo para-brisa do carro (também horrível) do meu colega de trabalho, carro esse que cheira a batatas fritas frias do McDonald's e a pinheiros. Leon tamborila as pontas dos dedos no volante, inclinando-se um pouco para a frente para olhar a estrada. Seus limpadores de pára-brisa estão balançando de um lado a outro com todo o vigor, mas a chuva está caindo como se alguém tivesse partido o céu ao meio e um oceano tivesse começado a rugir.

— Mais uma vez, obrigada pela carona.

— Sem problemas.

Pressiono meus lábios e inalo o aroma de pinheiro desabrochando. Seja lá qual for a essência que ele tenha borrifado aqui dentro antes de eu entrar, vai ficar grudada em mim pelo resto do dia. Não sei muito sobre Leon, então é perfeitamente possível que haja um cadáver no porta-malas e que o spray de pinheiro tenha sido usado para disfarçar o cheiro.

— Está chovendo bem forte — eu digo. Brandy não pôde me levar para casa porque a irmã dela passou mais cedo para buscá-la. Zach foi de moto hoje, coisa pela qual aposto que ele se arrepende de ter feito. Melissa se ofereceu para me dar uma carona, claramente esperando que eu recusasse, e foi por isso que recusei. Eu meio que me odeio por ainda querer que ela goste de mim. Ela tem agido de forma irracionalmente antipática comigo desde que eu a arranjei com o amigo do meu noivo, que no fim das contas era um infiel em série. Ela acha que Nicholas e eu sabíamos que ele era o tipo de homem infiel desde o começo, e que nós dois destruimos a confiança dela nos homens de propósito.

— Sim, parece que vai chover a semana toda.

— É uma lástima para quem planeja sair para pedir “doces ou travessuras”.

Leon se vira para mim por um instante, antes de seus olhos voltarem para a estrada. Ou para o que ele consegue enxergar dela – francamente, não sei como ele ainda está dirigindo, porque eu não consigo ver nada. Até onde sei,

poderíamos estar passando por cima da grama de alguém. É fim de outubro e faz quatro graus. Na semana passada, eu estava de shorts. Na anterior, estava tão frio que quase nevou. Outonos em Wisconsin são uma maravilha.

— Você vai distribuir doces? — Leon pergunta.

A resposta deveria ser óbvia. Eu amo doces e amo crianças, especialmente garotinhos irritantes, porque os acho engraçados. Eu também adoro o outono. Durante todo o mês tenho usado as cores marrom-alaranjadas cintilantes da minha paleta de sombras, na tentativa de dar às minhas pálpebras o mesmo brilho de um sol se pondo suavemente sobre um canteiro de abóboras.

O chão do meu quarto está uma bagunça de suéteres macios que fazem eu me sentir como uma capitã da marinha, botas de cano alto e infinitos cachecóis. Cada refeição minha contém um toque de tempero feito com abóbora. Quando não estou ingerindo abóbora, estou inalando-a como uma viciada, revestindo todas as superfícies livres da minha casa com velas aromáticas que cheiram a comida. Torta de maçã, torta de abóbora, tempero feito com abóbora, abóbora com maçã.

Minha beleza é assumida e determinadamente básica. Parte dessa afirmação veio de uma senhora que estava no caixa de uma loja da MAC e me disse que eu sou como um outono, por causa dos meus olhos cor de âmbar e cabelos longos e lisos da cor de nozes, mas sei — bem no fundo da minha alma admiradora de folhas secas, apaixonada por gorros e por se empanturrar de abóbora — que mesmo que eu tivesse um subtom neutro de pele, eu continuaria sendo o tipo de garota básica e nada original. Está no meu DNA.

E ainda assim, não estou a fim de distribuir doces no Halloween. Nem decorei a casa, o que costumava ser uma das minhas coisas favoritas para se fazer no início de uma estação. É provável que eu acabe passando a noite sozinha, de moletom, assistindo a programas ruins na TV, enquanto Nicholas estará jogando *Gears of War* na casa de um amigo, ou então iremos para a cama antes das nove da noite, depois de distribuir fio dental e escovas de dente baratas para crianças desapontadas.

— Talvez — digo por fim, porque não me importo mais com as coisas que eu faço. Eu poderia estar andando de montanha-russa ou escrevendo uma lista de compras e meu nível de entusiasmo seria o mesmo. Pensar nisso me deprime, mas o que me deprime ainda mais é que não vou fazer nada para mudar isso.

— Eu distribuiria se morasse em uma rua mais movimentada — ele responde.  
— Onde eu moro não aparece nenhuma criança pedindo doces ou travessuras.

Não existe isso de rua movimentada em Morris. Somos um lugar tão pequeno

que seria difícil nos encontrar em um mapa com todas as cidades de Wisconsin. Temos apenas dois semáforos.

Faróis piscam, pneus cospem ondas de água como se fossem Moisés abrindo o Mar Vermelho. Se eu estivesse dirigindo, definitivamente teria parado há muito tempo em algum estacionamento e esperado a chuva passar. Mas Leon parece completamente tranquilo. Eu me pergunto se ele mantém essa mesma expressão agradável quando corta as pessoas em pedaços e desliza seus restos gotejantes de uma tábua de cortar para o seu porta-malas.

Não que Leon tenha me dado algum motivo para ficar particularmente desconfiada dele. Eu deveria fazer perguntas educadas sobre onde ele mora ou algo assim, mas estou de olho nos números brilhantes do relógio digital dele e me perguntando se Nicholas já chegou em casa, porque espero desesperadamente que não. A Ferro Velho abre às dez e fecha às seis todos os dias, exceto aos sábados, dia em que funciona das onze às sete.

Nicholas é dentista e trabalha em uma clínica odontológica chamada Rise and Smile, situada na Langley, a estrada principal em que estamos agora, e sai do trabalho às seis. Normalmente eu chego em casa primeiro, porque ele passa na casa dos pais para entregar um café à mãe ou ler alguma carta confusa que ela recebeu pelo correio, ou para resolver seja lá qual for a reclamação que ela tenha para fazer a ele em um dia qualquer. Se ela passar mais de vinte e quatro horas sem vê-lo, o sistema operacional dela falha.

Essa manhã descobri que um dos meus pneus estava completamente vazio. Parada ali, olhando para a peça, fui transportada a um ano atrás, quando Nicholas comentou que precisava me ensinar a trocar pneus. Ofendida por sua suposição de que eu não sabia como trocar um pneu, esclareci os fatos e o informei que eu já sabia fazer isso há anos. Sou uma mulher moderna, responsável e autossuficiente. Não preciso de um homem para me ajudar na manutenção de veículos.

A questão é que, na verdade, eu não sei como trocar um pneu. O tempo hoje de manhã estava agradável e eu não tinha ideia de que iria chover, então decidi vir andando – o que me traz de volta à minha situação atual, no carro de Leon, porque de jeito nenhum eu voltaria andando para casa. O suéter que estou usando é feito de caxemira.

Minha pequena mentira sobre saber trocar pneus saiu um pouco do controle quando o pai de Nicholas, que tem crenças deploravelmente antiquadas, comentou que mulheres não sabem como trocar o óleo de automóveis. Em resposta, eu disse: “Pera lá! Eu troco o óleo do meu carro o tempo todo”. Eu

disse isso pelo bem do feminismo. Ninguém pode me culpar. E então talvez eu tenha me gabado de que uma vez eu mesma coloquei os amortecedores e pastilhas de freio no meu carro e que nunca precisei da ajuda de um mecânico, nunca. Sei que Nicholas está desconfiado e tem tentado me pegar no flagra sempre que meu carro precisa de reparos. Convenientemente, sou uma mecânica especialista apenas quando ele está no trabalho, então ele nunca me vê em ação. Eu vou sorrateiramente à Morris Auto, como se fosse uma criminosa, e pago Dave em dinheiro. Dave é gente boa. Ele prometeu nunca me dedurar e me deixa levar o crédito pelo trabalho dele.

Com toda essa chuva, todos os prédios na estrada Langley parece uma mancha fria e azulada. Passamos pela Rise and Smile e é como se o lugar fosse uma pintura do Claude Monet, e rezo para que Nicholas não tenha uma visão de água que milagrosamente o possibilite de me ver no banco do passageiro de um carro estranho. Se ele ficar sabendo que eu não fui dirigindo para o trabalho hoje, vai perguntar o porquê. Não tenho uma desculpa legítima. Ele vai descobrir que eu estava mentindo sobre os meus conhecimentos sobre carros, e sua presunçosa cara de “Eu sabia!” vai me deixar tão puta que vou ter uma crise de acne. Seja como for, ele não tem nada que suspeitar das minhas habilidades de mulher faz-tudo. É machismo presumir que eu não saberia consertar tubos com vazamentos, manusear lixadeiras de cinta e qualquer outra coisa que faça um carro andar a todo vapor. Ele precisa aceitar que todas as minhas mentiras são verdadeiras.

Quero que Leon vá mais rápido, embora a estrada esteja escorregadia e eu prefira não morrer nesse carro que cheira como se alguém tivesse colocado uma floresta inteira de pinheiros dentro da grade dianteira. Eu me pergunto como posso formular esse meu pedido de querer que ele coloque a própria vida em perigo mortal para que eu tenha tempo de assistir tutoriais no YouTube antes de Nicholas chegar em casa. Vale a pena derrapar para fora da estrada para manter essa mentira? Sim. Sim, vale. Não a tenho cultivado há tanto tempo para simplesmente vê-la explodir na minha cara por causa de uma chuva.

Pego um copo descartável do chão e o viro.

— Dunkin' Donuts, é? Não deixe a Brandy descobrir.

A irmã da Brandy é dona de uma cafeteria chamada Blue Tulip Café, e Brandy é a representante dela na Ferro Velho. Ela não deixa ninguém no trabalho se safar quando agem de forma complacente com grandes companhias de Café.

Leon ri.

— Ah, eu sei. Preciso esconder isso como se fosse um segredo sujo. Mas o

café da Dunkin' Donuts tem um gosto melhor, e você precisa levar em conta a minha aliança com o nome da marca. Quando se compartilha um sobrenome com a Dunkin' Donuts, é com eles que sua lealdade precisa estar.

— Seu sobrenome é Donuts? — respondo feito uma completa idiota, uma fração de segundo antes de perceber meu erro óbvio.

— Meu sobrenome é Duncan, Naomi.

Leon me encara, e a expressão que ele deseja me lançar é uma que diz *Tá falando sério?*, porque esse é um detalhe que eu provavelmente já deveria saber, uma vez que trabalho com ele desde fevereiro na Ferro Velho, que não é necessariamente um ferro-velho. É uma loja que possui um ambiente familiar. Mas a educação de Leon é infinitamente superior à minha, então, em vez disso, sua expressão parece falar *Ah, isso é uma coisa perfeitamente compreensível de se dizer, suponho*.

Quero abrir a porta e rolar para fora, mas resisto. Há uma monção acontecendo lá fora e, se eu sair, vou acabar com sombra de cor acobreada e cintilante escorrendo pelo meu rosto. Enxergando do jeito que estou, vou vaguear pelo congestionamento e ser atropelada. Minha foto de noivado, em preto e branco, aparecerá no jornal com um aviso dizendo que em vez de flores, a família do meu noivo pede que sejam feitas doações para a instituição de caridade com fins lucrativos deles, a Rows of Books, que envia livros didáticos sobre higiene dental para escolas carentes.

Fico furiosa por um momento porque é *exatamente* isso que aconteceria, e sou rancorosa o suficiente para pensar que prefiro receber flores.

Finalmente, finalmente chegamos à minha rua. Já estou tirando o cinto de segurança quando aponto para a pequena casa branca com meu velho e confiável Saturn e uma Maserati dourada estacionados na frente, tão incompatíveis quanto possível.

Nicholas está em casa, droga.

Parado na varanda, segurando a correspondência de hoje e com uma pasta de couro debaixo do braço, destrancando a porta da frente. Na única vez em que preciso que ele vá mimar a mãe dele depois do trabalho, ele dá uma de babaca e volta direto para casa. Eu verifico meu carro e chio; o pneu está tão murcho que o automóvel está todo inclinado para o lado. Vai ser um milagre se Nicholas não tiver notado. O meu Saturn parece miserável ao lado do carro chamativo de Nicholas, tão incompatível com Morris que todos já sabem quem é o dono do veículo sempre que ele ultrapassa o semáforo quando fica vermelho.

Por outro lado, o carro de Leon é um monstro, um Frankenstein com peças

japonesas. A maior parte possui uma cor azul-acinzentada opaca, exceto pela porta do motorista, que é vermelha e corroída pela ferrugem, e o porta-malas, que é branco e não fecha direito. Deu solavancos durante todo o trajeto, o que provavelmente explica minhas imaginações de ter alguém amarrado e amordaçado lá atrás. Pobre Leon. Sei que dizem que é preciso tomar cuidado com os quietinhos, mas ele nunca foi nada além de legal comigo e não merece que eu o olhe de soslaio. Ele *provavelmente* não é Jack, o Estripador.

— Vejo você hoje à noite — diz ele.

Brandy hospeda noites de jogos quase todas as sexta-feiras. Ela convida Zach, Melissa, Leon e eu, sempre com um convite extra para nossas cara-metades. Nicholas nunca foi a nenhuma das noites de jogos da Brandy, ou aos churrascos de Zach, ou aos passeios com idas aos minigolfes da Melissa, e por mim tudo bem. Ele pode fazer as próprias coisas com os amigos dele, de quem ele nem gosta, mas com quem sai mesmo assim, porque é difícil fazer novos amigos quando se tem trinta e dois anos.

Estou no meio do jardim quando Leon grita inesperadamente:

— Ei, Nicholas!

Confuso, Nicholas acena para ele. Meus colegas de trabalho tendem a ignorá-lo sempre que entram em contato com ele, e vice-versa.

— Oi?

— Você vai para a noite de jogos? — Leon pergunta a ele.

Uma risada que soa como “Até parece” me escapa, porque é claro que Nicholas não vai. Ninguém lá gosta dele e ele só ficaria na defensiva e emburrado o tempo todo, o que para mim arruinaria toda a diversão. Se ele fosse, meus amigos (ainda estou contando Melissa como amiga, mesmo ela preferindo o contrário, porque tenho esperança de que um dia ela voltará a ser legal comigo) podem perceber que não somos yin e yang, os pombinhos apaixonados que venho fingindo que somos nos stories do meu Instagram. De certa forma, é conveniente que Nicholas evite meus amigos e não chegue perto o suficiente para lhes dar brecha para inspecionar nossa vida. Saber que nosso relacionamento parece invejável para quem vê de fora é a única coisa que temos a nosso favor, já que na realidade o que temos juntos não é nada invejável.

— Por que você deu essa risada? — Nicholas pergunta, parecendo ofendido.

— Você nunca vai à noite de jogos. Por que ele sequer convidaria? — Para Leon, eu digo: — Não, ele vai estar ocupado.

— É uma pena — Leon responde. — Você sabe que é bem-vindo para dar uma passada lá caso ache um espaço na sua agenda, Nicholas.

Os olhos semicerrados de Nicholas não deixam os meus quando ele responde:  
— Quer saber? Acho que eu vou.

Leon gesticula alegremente, o que fica em total desacordo com o choque em meu rosto, o que me apresso para disfarçar.

— Legal! A gente se vê, Naomi. — Então, ele vai embora.

Alguém acabou de dizer uma coisa muito simples, “*A gente se vê, Naomi*”, e um pensamento estranho me atinge.

Já faz muito tempo que ninguém me vê, já que mantenho tantas coisas sobre mim escondidas. *Eu*, a pessoa que realmente sou, um indivíduo que viveu vinte e oito anos, vinte e seis dos quais foram passados sem saber da existência de Nicholas Rose. Estive me esvaindo aos poucos das partes Westfield de mim a fim de me tornar pré-Naomi Rose. Quase Sra. Rose. Sou a metade de um todo há quase dois anos e, ultimamente, não sei se posso me considerar como essa metade.

Mas quando alguém me chama de Naomi com gentileza na voz, me sinto como aquela garota de antes. Durante o breve tempo que o carro de Leon leva para desaparecer na rua, volto a ser a Naomi Westfield.

— Você não quer que eu vá — Nicholas diz de modo acusador.

— Quê? Não seja ridículo. Claro que eu quero.

Eu dou a ele o meu maior sorriso. Para ser convincente, preciso fazer o sorriso viajar até meus olhos. Um sorriso verdadeiro. Sempre que faço isso, gosto de imaginar que estou olhando para Nicholas pelo espelho retrovisor do meu carro, enquanto dirijo para fora de Morris, para nunca mais vê-lo.

## CAPÍTULO DOIS



Estou no sofá assistindo a algo que vai apodrecer o meu cérebro, mal ouvindo Nicholas reclamar do amigo de um amigo que frequenta as partidas de futebol que ele joga no parque algumas vezes por mês. É o cara que pensa ser um jogador melhor do que Nicholas, o que acha que sabe mais sobre o esporte do que Nicholas, e um dia desses, Nicholas vai falar umas verdades na cara dele. Ele diz isso desde o dia em que o conheci. Bem, pelo menos ele aceitou minha explicação do porque eu fui andando para o trabalho: estou adotando medidas para conseguir ter um estilo de vida mais saudável, e fazer caminhadas é a minha mais nova paixão. Nicholas deveria seguir meu exemplo e ir andando para o trabalho também, em vez de destruir nosso planeta com gases que colaboram para o efeito estufa. Honestamente, ele poderia aprender uma coisinha ou outra comigo.

Eu o deixo desabafar. Aceno e concordo feito a noiva boazinha que sou, mas não sou nem de longe uma boa noiva, porque sinto que posso desmoronar a qualquer momento.

Sou uma boa atriz. É algo que me faz sentir orgulho. O algo pelo qual Nicholas sente orgulho é o fato de ele pensar que sabe tudo que há para saber sobre mim. Ele diz o tempo todo para as pessoas que eu não consigo esconder nada dele. Que sou transparente como o ar e que, intelectualmente, sou tão substancial quanto. O fato de ele poder olhar nos meus olhos e acreditar que estou totalmente apaixonada por ele é a prova de que sou uma atriz fantástica e que ele não sabe tudo sobre mim, nem mesmo grande parte das coisas.

Falando em termos de proporção, eu diria que estou quarenta por cento apaixonada por Nicholas. Talvez eu não devesse dizer que *estou* apaixonada. Existe uma diferença. A sensação de se *estar* apaixonado é frenética. Inquietante. É como estar caindo. É um conjunto de transpirações de nervosismo e batimentos cardíacos acelerados e uma sensação tremenda de certeza, pelo menos foi o que me disseram. Eu não sinto essas coisas. Eu o amo quarenta por

cento.

Não é tão ruim quanto parece, quando você para pra pensar nos casais que conhece. A real é que, se eles estivessem sendo honestos, muitos deles diriam uma porcentagem muito mais inferior do que a que declarariam em voz alta. A verdade é que não acho que duas pessoas consigam se sentir cem por cento apaixonadas uma pela outra ao mesmo tempo e o tempo todo. Eles podem revezar, enquanto um está setenta e cinco por cento apaixonado, o recorde, o outro atinge o pico de sessenta por cento.

Sou uma cínica infeliz (algo que desenvolvi recentemente) e uma romântica sonhadora (coisa que sempre fui), e é uma combinação tão terrível que não sei como me tolerar. Se eu fosse apenas uma dessas coisas, talvez estaria assentindo e concordando com Nicholas, sorrindo intensamente, em vez de alimentando um dos meus devaneios favoritos para manter a concentração quando não quero viver no mundo real. Neste devaneio, é o dia do meu casamento e estou de pé no altar, ao lado de Nicholas. O padre pergunta se alguém tem algo contra essa união e uma pessoa no meio dos convidados se levanta, proclamando corajosamente: “Eu tenho”. Todos suspiram. É o Jake Pavelka, uma celebridade polêmica da 14ª temporada de *The Bachelor*.

Na vida real, Jake Pavelka não vai interromper meus votos matrimoniais, e Nicholas e eu teremos de ficar presos um ao outro. Eu revisito meu calendário mental e me sinto mal com o pouco tempo que me resta. No momento, a ideia de dizer “*Eu aceito*” faz minha pulsação disparar feito um trem desgovernado.

Estou desmoronando e Nicholas sequer percebe.

Isso vem ocorrendo com regularidade, em um efeito bola de neve. Bem quando penso que a sensação estranha se foi e que estou novamente satisfeita com a minha situação atual, quando penso que todos os sentimentos de insatisfação foram reprimidos, tudo volta a desmoronar. Às vezes, a sensação me atinge quando estou prestes a adormecer. Acontece quando estou voltando do trabalho para casa e quando janto, o que significa que perco o apetite no mesmo instante e preciso inventar uma desculpa aceitável para não comer mais.

Por causa dessas minhas desculpas, Nicholas acha que eu tenho um estômago sensível e que minha TPM dura três semanas. Discutimos frequentemente sobre minha ingestão de glúten e eu finjo considerar a ideia de cortar o açúcar da minha dieta. Isso é o que acontece quando você namora um cara por onze meses e fica noiva seis horas antes de finalmente irem morar juntos e dar conta de quem a outra pessoa realmente é no dia a dia. Comprar o Nicholas versão namorado e mais tarde herdar o Nicholas versão noivo é como ter caído numa

propaganda enganosa, vou te contar. Achei que tinha ganhado uma bolada quando o consegui, mas depois de deslizar um anel em meu dedo, ele rebaixou minha posição em sua vida e me colocou como Eterno Segundo Lugar.

Quando estou sozinha, ou em momentos em que é como se eu estivesse – porque ele está me ignorando em favor de passar um tempinho com o computador dele – ao menos nesses momentos tenho o privilégio de poder desfazer meu sorriso. Não preciso gastar energia fingindo que estou bem. Eu não me deixo afundar em pensamentos obscuros e intrusivos por muito tempo, mesmo que eu queira, porque tenho medo de começar a fazer isso e virar o próprio Stephen Morrissey, mantendo um olhar fixo na parede enquanto reflito sobre o que exatamente me faz infeliz, porque então será impossível dobrar esses pensamentos e guardá-los ordenadamente em uma gaveta para poder examiná-los mais uma vez em algum outro dia.

Me sintonizo na conversa desconexa de Nicholas por tempo suficiente para captar algumas palavras-chave: *Stacy, calça cáqui, marcador de combustível*. Ele encontrou um jeito de combinar suas três queixas favoritas em uma só reclamação cheia de raiva. Ele odeia a nova política sobre o uso de uniforme que sua colega de trabalho, a Dra. Stacy Mootispaw, está tentando implementar: os funcionários devem usar apenas calças pretas largas, as queridas calças cáqui de Nicholas serão proibidas. Ele odeia Stacy. Odeia o marcador de combustível do carro luxuoso dele, peça que foi injustamente culpada por não o avisar que ele estava sem gasolina na semana passada, enquanto ele dirigia para fora da cidade.

Faço uma cara de compreensão e garanto a ele que Stacy é a escória da humanidade e que proibir o uso da calça cáqui é uma discriminação. Sou uma noiva leal, indignada por ele, pronta para entrar em guerra contra todas as suas queixas.

Eu penso em como *atriz* é outra maneira de dizer *mentirosa profissional*.

Tenho mentido para nós dois o tempo todo e não sei como parar. Nosso casamento é daqui a três meses e se eu desabafar e contar tudo a Nicholas sobre essas pequenas explosões de pânico que sinto, ele vai dizer que é nervosismo, o que é considerado normal. Ele vai descrever tudo que eu estou sentindo com essa única palavra. Estou desanimada com esse casamento desde que o tomaram de mim, desde que todas as decisões foram arrancadas das minhas mãos, e saber que não estou animada me deixa ansiosa. Se não estou animada para me casar, o que diabos estou fazendo?

Mas meu problema atual é maior do que a mãe intrometida dele; maior do que a velha discussão sobre onde passar a nossa lua de mel e qual será o tamanho do

bolo – coisa com a qual eu não me importo mais, porque não me deixaram escolher limão como sabor. *Ninguém gosta de limão, Naomi*. Passei tanto tempo remoendo todas as maneiras pelas quais eu fui injustiçada, que meu ressentimento fervilhante transbordou e contaminou tudo que envolve Nicholas, até mesmo as partes inocentes. Apesar de tudo, sou uma pessoa tão atenciosa que reprimo meus sentimentos negativos e não os compartilho com ele. Ele nunca entenderia, de qualquer maneira.

Se ele me perguntar o que há de errado e meu problema não for algo que ele possa resolver com algumas palavras tranquilizadoras, Nicholas ficará frustrado. Isso me faz lembrar da minha mãe quando ela certa vez me disse que não podemos contar sobre nossos problemas não solucionáveis aos homens, porque eles vão querer consertá-los e a possibilidade de não conseguir fazer isso frita o circuito neural deles.

Será que meu problema não pode ser resolvido? Eu nem sei qual é o meu problema. Eu sou o problema, provavelmente. Há muitas coisas boas sobre Nicholas, coisas que eu digitei em um documento protegido por senha em meu computador. Eu leio sempre que preciso ser lembrada de que *tudo está bem*.

Quero engolir uma pílula mágica que me faça sentir perfeitamente contente. Quero olhar com amor para Nicholas quando ele estiver vasculhando o interior dos nossos armários de cozinha. Moramos juntos há dez meses e ele ainda não sabe onde guardamos nada.

No papel, nossos nomes parecem tão românticos juntos. Nicholas e Naomi Rose. Você já ouviu algo mais adorável? Daríamos a nossos filhos nomes românticos que também começariam com a letra *N*, e faríamos disso um costume. Um filho chamado Nathaniel. Seus avós vão chamá-lo de Nat, o que eu vou odiar. Uma filha chamada Noelle. O nome do meio dela terá que ser Deborah, em homenagem à Sra. Rose, porque aparentemente é uma tradição que perdura há exatamente uma geração. Disseram a mesma coisa para a irmã de Nicholas, então, se todos nós seguirmos a tradição, algum dia haverá uma dinastia de pequenas Deborahs.

Fecho meus olhos e tento me imaginar crescendo como filha biológica daquela mulher, e a imagem é tão horrível que eu tenho que apagá-la com pensamentos felizes sobre outro pretendente do meu coração – Rupert Everett interpretando Dr. Claw, no filme *Inspetor Bugiganga* – irrompendo pelas portas da igreja Sta. Mary e lutando com Jake Pavelka para decidir quem vai se casar comigo. Um deles tem uma garra robótica, então não é uma luta justa. “Não tão rápido!” grita outra voz. Eu olho para cima e me deparo com Cal Hockley, o

herói incompreendido de *Titanic*, descendo do teto com o colar Coração do Oceano preso entre os dentes. “Isso aqui é para você, Naomi! A única mulher digna disso!”. Nicholas grita em protesto, afastando-se do altar e imediatamente cai dentro de um alçapão.

Com um esforço consciente, olho para Nicholas e tento me fazer sentir borboletas no estômago. Ele é responsável. Gostamos dos mesmos filmes. É um bom cozinheiro. Eu amo essas coisas sobre esse homem.

— Naomi — ele diz agora, abrindo e fechando as portas dos armários. — Onde guardamos as Tupperwares? Vou correr até o mercado e comprar alguns cookies para deixar no escritório amanhã. Isso não é legal? Eu nem vou trabalhar amanhã. Nenhuma outra pessoa aparece para simplesmente deixar lanches. — A Rise and Smile geralmente fica fechada nos fins de semana, mas uma vez por mês, em um sábado determinado, alguns deles precisam ir para a clínica. Para aliviar a dor de ter que trabalhar em um dia de folga, todos levam lanches. — Quero fazer com que pareça que eu mesmo assei — continua ele, — ou nunca mais vou parar de ouvir sobre isso. Stacy diz que eu nunca faço um esforço adicional. Vou mostrar a ela um puta de um esforço adicional.

De onde estou, faço uma coisa imperdoável e concordo mentalmente com Stacy. Nicholas não faz esforços adicionais, especialmente quando se trata de mim. Ele não me deu flores no último Dia dos Namorados, e tudo bem porque flores são estúpidas, creio eu. Ele me fez lembrar de que elas vão simplesmente morrer. No Dia dos Namorados, nos sentamos em cômodos separados e marcamos um ao outro em muitos posts no Facebook. Não precisamos dizer palavras doces pessoalmente, porque sabemos o que o *verdadeiro amor* é.

Temos coisas mais inteligentes com as quais gastar nosso dinheiro do que joias caras (se as joias forem para mim) e plantas que murcharão lentamente ao longo de uma semana antes de virar lama (de novo: se forem para mim). Poderíamos investir esse dinheiro em algo melhor, como uma pulseira tennis e um jardim inteiro para a mãe dele.

Ele também não me deu flores no nosso aniversário de namoro, e tudo bem, porque sabemos o que o *amor verdadeiro* é e não temos que provar nada um para o outro. Ele compra flores para a mãe dele quando ela está se recuperando de uma cirurgia plástica, porque ela espera que ele faça isso, mas eu sou sensata. Eu compreendo. Sei que não preciso de flores, enquanto a Sra. Rose *precisa* delas. Ele fica tão feliz em saber que nunca seremos como os pais dele.

No nosso aniversário de namoro, não precisamos nem sair para um encontro de verdade ou tirar um dia de folga para ficarmos juntos, não fazemos nada para

tornar a ocasião especial. Somos relaxados e tranquilos, não somos nada como os pais dele. Nosso amor é tão *real* que podemos sentar no sofá e assistir a partidas de futebol americano como se a data não fosse grande coisa, como se fosse um dia qualquer. Todos os dias são iguais. Todo dia é como se fosse nosso aniversário de namoro.

As palavras borbulham na minha garganta. Eu as empurro para baixo, lutando para encontrar outras.

— No armário acima do microondas.

— Obrigado. Aliás, você está com tempo livre para fazer cookie hoje à noite? Stacy vai saber detectar se eu os fiz ou não. Eu não quero ouvir a ladainha dela.

Dou-lhe um olhar de desprezo que ele não vê.

— Não. Eu vou para a casa da Brandy.

— Eu também, mas temos muito tempo até a hora de ir, não é? E eu preciso ir correndo para o chuveiro, você não está fazendo nada aí sentada no sofá. Será que não pode simplesmente preparar alguns cookies bem rápido?

— Você não pode simplesmente fazer isso amanhã? Por que precisa deles nesse exato minuto, afinal?

Ele está pré-aquecendo o forno. Não tem nem certeza de que temos todos os ingredientes necessários. Ele presume que eu vou improvisar tudo do zero, que nem os ratinhos da Cinderela.

— Não vou levantar de madrugada para fazer três dúzias de biscoitos. É mais fácil fazer isso hoje à noite. — Sua voz diminui para um tom de resmungo. — Stacy tem é sorte de eu estar fazendo tanto, já que nem estou na escala de amanhã... vamos ver se ela vai gostar de passar o sábado trabalhando, pelo menos *uma vez*.

Olho para Nicholas e meus intestinos fervem porque ele pensa que eu não sei o que está fazendo. A única razão pela qual ele decidiu tomar banho *agora* é para ter uma desculpa para pedir que eu faça isso por ele. É tipo quando chegamos em casa de uma ida ao supermercado e ele finge que recebeu um telefonema importante para não ter que ajudar a guardar as compras.

Ele está tirando tigelas do armário, e esse homem é ainda mais iludido do que eu se acha que vou encher uma pia com tigelas, que eu mesma terei que lavar, para alimentar alguém que ele despreza, enquanto ele leva o crédito. Stacy que se engasgue com cookies açucarados comprados em mercados, como o resto de nós. Por que ele sequer vai levar cookies? Eles são dentistas. Deveriam comer aipo.

Penso em tentar persuadi-lo a ficar em casa hoje à noite, mas me ocorre que

preciso que ele me leve à casa da Brandy. Só vou conseguir trocar meu pneu quando Nicholas ficar fora de casa por um período considerável de tempo. Estou irritada com ele por ser o tipo de pessoa que faz questão de dizer “Eu te avisei”, o que me impede de confessar a verdade. Sou forçada a ser teimosa na mesma medida em que ele é irritante.

— Aposto que se você dissesse à sua mãe que precisa de cookies, ela os faria para você em vinte minutos — respondo preguiçosamente. — No formato de grandes corações vermelhos, com suas iniciais escritas com a cobertura.

— Falando na minha mãe — ele diz, limpando a garganta. — Ela estava me contando que conversou com a costureira sobre o vestido da daminha que vai levar as flores, para se certificar de que as medidas estavam certas. E eu disse que nós dois estamos muito felizes, simplesmente muito felizes, por eles poderem nos ajudar. — Eu sinto minha alma encolher feito poeira e *desaparecer*. — Todo mundo sabe que geralmente são os pais da noiva que pagam por tudo, então temos sorte de os meus pais serem tão prestativos.

Sim, muito prestativos. Uma imagem do meu vestido de noiva surge na minha mente, um tamanho menor do que o normal, porque a minha futura sogra quer que eu seja ambiciosa, quer um vestido que seja justo até os quadris e feito com um tecido rígido, mais branco que a nova dentadura do marido dela. Eu queria um vestido silhueta império nas cores creme e rosa, o que ela disse que me fazia parecer grávida de quatro meses. Nicholas disse a ela que só vamos ter relações sexuais depois do casamento, porque ela é ridiculamente antiquada e precisa que a mimem e que mintam para ela, e quando ela me disse que eu parecia estar grávida, fiquei muito tentada a dizer que era de gêmeos.

Saí da loja de noivas naquele dia traumatizada e sem dinheiro, com três mil dólares cobrados do meu cartão de crédito. Para manter minha integridade, insisti em dividir os custos, então a Sra. Rose pagou os outros três mil. *Seis mil dólares por um vestido*. Sou assombrada pela palavra em cor vermelho escarlate estampada em negrito no saco plástico que sufoca seis mil dólares em material que me impossibilitará de comer durante a recepção da festa (que era a parte que eu mais queria): *NÃO-REEMBOLSÁVEL*.

Além disso, ofereceram à filha deles, Heather – que mora fora do estado e que conhecerei pela primeira vez no dia do meu casamento – o posto de madrinha principal. Quando fiquei chateada por causa disso, me disseram que ela seria minha cunhada, então, para quem mais o posto deveria ir? Brandy, minha melhor amiga, ficou arrasada quando contei a ela.

Outra coisa que Heather ganhou com o meu casamento foi um vestido silhueta

império nas cores creme e rosa, assim como todas as outras madrinhas do lado dele da família.

Nicholas quer que eu supere isso e aguente ser pisoteada como ele aprendeu a ser, e, para ele, armar um barraco para me defender seria inconveniente. Eu suportei tantas coisas terríveis para manter tudo em paz que deveria me eleger para ser canonizada. Não manifestei minha contrariedade ou raiva, mas sei que ele consegue as sentir, porque com certeza adora me evitar ultimamente. Ele permanece no trabalho depois do expediente. Fica mais na casa dos pais do que na nossa. Quando *está* em casa, é como se mal pudesse esperar para que nosso tempo mínimo de convivência juntos acabe para que ele possa correr para o escritório e se debruçar sobre o computador até a hora de dormir. Na minha cabeça, nomeei o computador dele de Karen, em homenagem à esposa computador do Plankton, do *Bob Esponja*.

Os pais de Nicholas têm muito dinheiro e gastaram boa parte nesse casamento. Não interessa o que Nicholas diz, eles não estão fazendo isso para serem legais ou porque gostam de mim. Eu sou o útero que carregará os futuros Roses, igual as ex-namoradas de Nicholas eram.

O tempo todo seus pais me lembram de como sou sortuda por ter a ajuda deles e de como os custos têm sido altos. Não preciso que o melhor champanhe do país seja servido no meu casamento. Eu ficaria contente com vinho de caixa. Mas nem pensar, apenas o melhor para o Nicky deles.

Não se preocupe, Nicky. A mamãe e o papai cuidarão disso. Eu sei que os pais da Naomi não podem. O Sr. Westfield foi demitido do trabalho, não foi? E a Sra. Westfield é só uma professora! Que pitoresco. O Sr. e a Sra. Westfield mal podem bancar a gasolina e a comida que colocam no prato, pobrezinhos. Agora lembre-se, Naomi, ajeite a postura. Encontre uma expressão diferente para pôr no rosto, por favor. Talvez você deva mudar seu rosto completamente. É com essa cor de olhos que você vai? Tem certeza? Você está de salto, não está? Não, não *esses* saltos. Esses são os saltos que uma stripper usaria. Você vai ser uma Rose, querida. Esse nome é importante. Sente-se direito. Não mexa no seu anel. Você é como uma filha para nós, te amamos muito. Fique logo atrás de nós nessa foto de família e murche a barriga.

Há uma grande variedade de merda para eu detestar, mas acho que o que mais odeio no Sr. e na Sra. Rose é que eles ainda chamam o próprio filho de Nicky. Ele sequer me deixa chamá-lo de Nick. Quando não o estão chamando de Nicky e beijando as bochechas dele como se ele tivesse cinco anos, estão chamando-o de Dr. Rose e fazendo uma cópia dos certificados de odontologia dele para

pendurar no escritório deles. Eles são dentistas vicários e dão lições aos amigos sobre doenças gengivais.

Não posso voltar atrás agora. Todo mundo iria fofocar e espalhar boatos sobre mim. Eu pareceria um fracasso e uma idiota. Perderia milhares de dólares. Não há uma saída, então estou apenas prendendo a respiração e improvisando.

Olho para Nicholas e percebo que vou realmente me casar com esse homem. Quarenta por cento porque o amo e sessenta por cento porque tenho muito medo de desistir. Todos, incluindo os pais dele, disseram que nunca conseguiríamos chegar ao altar. Sou tão orgulhosa que farei isso apenas para provar que estão todos errados.

— Tudo bem, então, não me ajude. — Nicholas bufa, lançando um olhar irritado para mim. Eu arruinei sua noite. Estupendo. — Eu terei que correr contra o tempo e já estou estressado, mas qual é a novidade?

— Amém, irmã — murmuro baixinho. Ele resmunga e abre mais portas de armários, o que me dá uma sensação estranhamente satisfatória. Afinal, a infelicidade adora companhia. Se vou ser atingida por pensamentos rancorosos durante toda a noite, posso muito bem arrastá-lo para a fossa comigo.

## CAPÍTULO TRÊS



Quando estacionamos em frente à casa da Brandy, Nicholas vê Zach na entrada da residência e me olha de soslaio.

— Ótimo. *Esse cara está aqui* — murmura Nicholas. Ele sabe o nome dele, mas está fingindo que não. Essa noite ele vai fingir que não sabe o nome de ninguém, como se meus amigos não merecessem sua atenção, uma forma de vingança por não gostarem dele.

Zach não está fazendo nada além de acariciar um gato sobre o parapeito de barras de ferro, mas eu já reclamei dez mil vezes dele para Nicholas por roubar comida da minha marmita e regularmente escapar sem aviso prévio de seus turnos no trabalho, então por mais que eu queira discutir contra cada palavra que sai de sua boca, olho para as cartas imaginárias que tenho em mãos e decido não fazer nenhuma jogada.

— Por quanto tempo teremos que ficar? — ele resmunga. — Vai ter comida? Eu não comi antes de sair. E não quero voltar tarde. Tenho coisas para resolver amanhã.

Quem vê até pensa que eu o forcei a vir. Tento me lembrar de como foi a sensação de me apaixonar e não consigo. Deve ter sido bem passageira.

Acho que ele sente que estou perdendo a paciência porque, quando bato a porta do carro, ele não diz uma palavra, apenas enfia as mãos nos bolsos e me segue devagar, como se estivesse indo para uma cadeira elétrica.

Nunca me comporto assim quando os papéis são invertidos e estamos passando um tempo com os amigos de Nicholas. Eu tenho olheiras arroxeadas permanentes sob meus olhos e toda vez que eles me veem, perguntam se estou doente. Toda. Vez. Entre esses amigos está a ex de Nicholas, então sei que ela só faz isso para me sacanear.

O olhar de Zach fica afiado quando seus olhos se fixam em Nicholas, que está com uma carranca no rosto e pisando forte na entrada. Zach para de acariciar o gato e toma um longo gole de cerveja, um dedo curvado em volta do gargalo.

Enquanto esvazia a garrafa inteira, seu olhar não deixa Nicholas.

— Ora, ora, ora — diz ele com um sorriso. — Olha só quem nos agradeceu com a sua presença.

Nicholas tenta não quebrar o contato visual primeiro, porque eles estão fazendo algum tipo de duelo masculino, mas ele parece um pouco nervoso. Zach mantém a porta aberta para mim – a primeira coisa cavalheiresca que já o vi fazer. Ele entra logo atrás de mim, antes que Nicholas consiga subir o último degrau, e deixa a porta bater na cara dele.

Olho feio para Zach e abro a porta para meu noivo magoado, que nunca foi tratado tão rudemente em toda sua vida. Ele certamente ligará para a mãe mais tarde e contará tudo a ela. Zach faz aquela habitual expressão hostil com o rosto, me olha, dá de ombros e entra na cozinha sem olhar para trás.

Nicholas não pertence a essa parte da minha vida, e nós dois sabemos disso. Ele está aqui porque considerou a risada que eu dei mais cedo como um desafio e porque é tão rancoroso quanto eu. A noite de jogos perdeu a graça para mim, e sei bem no fundo da minha alma que isso vai acabar mal.

---

DÊ O FORA DAQUI, AGORA, é o que digito e mando por mensagem para Nicholas. Só se passou meia hora e ele fez cinco idas ao banheiro para acariciar o gato de Brandy, que ela colocou lá porque eu sou alérgica. Suas excessivas fugas para o banheiro estão atrapalhando o ritmo da nossa partida do jogo “Cartas Contra a Humanidade” e as pessoas estão começando a se irritar. Quando ele escapa do esconderijo, está tão ocupado me olhando com uma cara feia que acidentalmente pisa em uma das máscaras de parede da Brandy, que havia caído, e quebra o enfeite.

No corredor dela há uma fileira de lindas máscaras de parede esculpidas com rostos de animais em madeira, para celebrar as origens Yup'ik dela. A maioria é de animais que você encontraria no Alasca, como ursos, focas e lobos. Tem sido o sonho de toda a vida dela se mudar para o sudoeste do Alasca, lugar de onde seus pais são, e nós duas frequentemente navegamos por sites de imobiliárias em busca do tipo de casa em que queremos que ela more. Enquanto isso não vira realidade, ela tem tentado dar à própria casa um clima alaskiano, decorando-a com móveis de cedro e uma lareira artificial.

— Parabéns — diz Zach.

Nicholas enrubesce, passando a mão pelo cabelo para segurar a nuca.

— Eu sinto muito. O que, hm, o que é essa coisa? Vou comprar outra para

você.

Se Brandy ficou chateada, ela esconde bem.

— Sem problemas. Com um pouco de cola de madeira, ficará como se fosse nova! — Ela recolhe a máscara quebrada do chão e corre para a cozinha.

— Eu posso pagar por outra. Quanto custou?

— É, deixe ele pagar por uma nova. — Zach encoraja. — É o mínimo que ele poderia fazer. Uau, doutor, você realmente quer ir embora, hein? Vindo até aqui e quebrando as coisas assim.

— Foi um acidente — eu protesto, massageando o ombro de Nicholas. O corpo dele tensiona e ele se afasta. Percebo que Melissa notou, então me aproximo de Nicholas novamente.

— Sem problemas! — Brandy cantarola outra vez, parecendo um pouco frenética. — Está tudo bem. Vamos voltar ao jogo. — Ela leva o trabalho de anfitriã muito a sério, então está ansiosa para apaziguar a situação. Nicholas poderia pisar em todas as máscaras de parede que ela tem e ainda assim ela sorriria e se desculparia por deixá-las nas paredes, onde qualquer um poderia pisar. — Estão todos se divertindo? Sim? Está divertido!

Os olhos de Nicholas voam entre Zach e Melissa, que trocam sussurros e sorrisos largos. Não estou perto o suficiente para ouvir o que dizem, mas Nicholas sim. Ele cerra a mandíbula.

Melissa dá uma risadinha. Seus olhos descem para os sapatos lustrados de Nicholas e ela faz um comentário baixinho para Zach. Não ouço a resposta completa dele, mas ele garante que as últimas três palavras sejam audíveis. *Se esforçando demais.*

— Como está aquele dente? — Nicholas pergunta a ele em um tom de voz nada agradável. Zach uma vez foi ao consultório de Nicholas por causa de uma dor de dente, e quando ele disse que um tratamento de canal seria necessário, tudo desabou em um completo escarcéu de frases como “Dentistas só querem o dinheiro das pessoas!” e “Dentistas transformam pequenos problemas em coisas grandes para fraudar planos de saúde!”. Alguém na sala de espera gravou seis minutos do discurso de Zach e colocou na internet, em seguida, vinculou o vídeo à página do Yelp da Rise and Smile. Meu noivo e meu colega de trabalho agora são inimigos de baixo nível.

Zach dá a ele um sorriso falso.

— Bem melhor. — Não é verdade. Zach se recusou a voltar ao dentista e não pode mais mastigar do lado direito da boca. — Eu fui para a Turpin, a clínica que recomendo a todos.

— Ei, tenho uma ideia — digo. — Vamos voltar a jogar.

Melissa me ignora.

— O pessoal da Turpin é mais profissional — diz ela.

Zach acena com a cabeça.

— E não são charlatães presunçosos.

Brandy está começando a suar.

— Vamos... hm... vamos tentar ficar numa boa. Nada de problemas, ok? Quem é o próximo a jogar? — Sua voz soa como se ela fosse uma professora do prézinho aflita.

— Não há problema nenhum da minha parte — Melissa diz docemente. Seu olhar se volta para Nicholas. — E quanto a você?

Zach parece eufórico. Ele adora um drama e definitivamente quer que alguém tenha alguma reclamação a fazer.

O rosto de Nicholas se enfurece conforme ele vai ficando mais quieto. Acima da minha cabeça, uma nuvem de tempestade começa a rodar, sugando toda a minha energia. Quando eu o quero por perto, ele nunca fica. Quando não o quero por perto, ele se torna o diabinho nos meus ombros. Se ele brigar com meus amigos, minha vida no trabalho vai virar uma merda. Ele vai se importar com isso? Não.

Estamos jogando Detetive na mesa da cozinha quando Nicholas faz sua próxima jogada. A essa altura, o ego dele está todo ferido e espancado, então era apenas uma questão de tempo até que ele revidasse.

Ele se vira para Melissa. Inclina a cabeça.

— Você não costumava sair com o Seth Walsh?

Ele sabe muito bem que Melissa namorou Seth. Ele também sabe que Seth a traiu com uma dentista casada que trabalha com ele. A Rise and Smile é um ninho de escândalos.

Melissa lança um olhar mortal para ele, depois para mim.

— Sim.

— Hmm. Qual foi mesmo o motivo de vocês terem terminado?

Nem mesmo o olhar do Ciclope dos X-Men poderia ser comparado à fúria ardente no olhar de Melissa.

— A gente terminou — ela diz cheia de ódio — porque eu estava saindo do Shopping West Towne um dia e vi o carro de Seth no estacionamento. Quando eu fui lá, ele estava no banco de trás, transando com outra mulher. — Ela não acrescenta o restante, mas todos nós lembramos: *em cima do suéter da Universidade Lawrence de Melissa.*

Eu me lembro vividamente do dia em que ela descobriu. Naquela época, eu já trabalhava na Ferro Velho, uma loja de achados ecléticos, há cerca de três meses, e Melissa e eu éramos amigas. Nós tínhamos nosso ódio mútuo pela playlist de Zach em comum, playlist a qual ele nos sujeita toda quarta-feira, quando é a vez dele de escolher as músicas, além de possuímos a mesma camisa xadrez e calça jeans vermelha, que costumávamos usar propositalmente no mesmo dia.

Não uso minha camisa xadrez com meus jeans vermelhos desde nossa briga, porque não quero que ela pense que anseio pelos bons e velhos tempos, quando ela não tremia de fúria ao me ver. *Como você poderia não saber? O melhor amigo de Nicholas transando com a colega de trabalho do próprio Nicholas! Ele devia saber, e deve ter te contado. Você me deixou fazer papel de boba por aquele cara e não disse nada.* Eu realmente não sabia que Seth estava a traindo e ainda me sinto culpada por tê-los apresentado um ao outro. Nicholas diz que também não sabia, mas quanto a isso não posso prometer nada.

— Seth é um babaca — Zach diz, rolando o dado e movendo seu pino para um quadradinho na porta da cozinha do tabuleiro. A arma do crime tem que ser a corda, foi a única pista que descobri. Zach vai adivinhar tudo corretamente. Ele tem um talento sobre-humano para esse jogo e venceu as duas rodadas anteriores assim que colocou seu pequeno pino do Coronel Mostarda dentro de um cômodo do tabuleiro.

Nicholas, que se recusou a jogar a menos que fosse o Professor Black, olha feio para Zach.

— Você nem conhece o Seth, então não fale sobre ele. Ele é meu amigo.

— Isso diz muito sobre você, então. — Zach é honestamente destemido e diz exatamente o que pensa de você, bem na sua cara. É uma qualidade que acho irritante quando é para mim que é direcionada, e agora estou em algum lugar entre me deleitar por ver alguém enfrentar Nicholas e o constrangimento de que meu convidado está prestes a estragar a festa. Eu me esqueço de ser uma atriz que finge ser cem por cento apaixonada, e Nicholas olha para mim, notando meu silêncio, antes de voltar seu olhar para Zach.

— O que isso deveria significar?

Zach é como um tubarão.

— Significa que você escolhe amigos babacas, e isso reflete mal em você.

Do outro lado da mesa, Brandy mexe sua estatueta de Srta. Rosa e os olhos de Leon fixam-se nos meus.

— Obviamente, Melissa ainda está chateada com a traição do Seth — Zach continua. — Você poderia facilmente manter a boca fechada, já que sabe que ela

tem todo o direito de estar chateada, mas em vez disso, corre em defesa dele. Há uma razão para você ter empatia pelo babaca, e é porque você se vê nele. Logo, você também é um babaca.

Daria para ouvir até uma mosca pousando na parede agora.

Eu deveria pegar a mão do meu pobre noivo. Mandar Zach calar a boca. Dizer que vamos embora. Mas a expressão no rosto de Nicholas me faz parar.

Seus lábios estão franzidos enquanto ele prepara uma resposta, e olha ao redor da sala com um desdém palpável. Ele está se vendo como o filho bem-sucedido dos dois alicerces ricos dessa pequena comunidade, como a pessoa que resgata a população que exagera no consumo de açúcar de Morris, ajudando-os com uma restauração de cárie por vez. Ele está vendo meus colegas de trabalho como vermes inferiores a rastejar por entre os detritos no fundo da pilha de lixo. Eles trabalham na Ferro Velho, lugar que vende cabeças de crocodilo e inéditas almofadas de pum com o rosto da Whoopi Goldberg gravado nelas. Feijões mexicanos saltitantes e canecas que dizem palavrões quando você as enche com água quente. Quando ele julga meus colegas e os considera necessitados, ele se esquece de que eu sou um deles. Para Nicholas, somos Nós contra Eles.

Brandy parece ansiosa. Ela é tão doce e alegre que duvido que alguma vez na vida tenha discutido seriamente com alguém, e ver pessoas não se dando bem é a pior coisa que poderia acontecer bem na frente dela.

— Zach — alerta tardiamente por entre os dentes cerrados.

— Você poderia tentar se dar bem com todo mundo? — Brandy implora a ele. — Alguém quer mais rolinhos de pizza? Eu também tenho cupcakes. Todo mundo está satisfeito? — Ela meio que se levanta da cadeira. — Água? Refrigerante?

Zach a empurra de volta para o assento ao colocar dois dedos no ombro dela.

— Estou me dando muito bem com todo mundo. Sua vez.

A mão de Brandy treme quando ela joga o dado, e Nicholas acabou de decidir qual coisa grosseira ele quer dizer para Zach.

— Eu entendo o porquê de você ser tão emotivo. Não ter uma verdadeira estabilidade no emprego deixaria qualquer pessoa ansiosa. Sua loja não recebe mais de, o quê, três clientes por dia? Você deve estar perdendo muito dinheiro. — Ele abre o mesmo sorriso falso que Zach deu a ele durante toda a noite. — Quando você estiver pronto, conheço um cara da agência de empregos temporários que pode ajudá-lo.

Zach ergue duas sobrancelhas para mim, como se estivéssemos compartilhando uma piada interna da qual Nicholas não gosta, então diz a ele:

— Você sabe que sua namorada trabalha no mesmo lugar que eu, certo? Se o local fechar, não seremos os únicos desempregados.

— Eu ganho muito dinheiro. Naomi não precisa de um emprego.

Raiva exala de mim como raios ultravioleta.

— A loja está indo bem — digo, o que é uma grande mentira. A loja está nas últimas. Existe desde sempre, desde que o Sr. e a Sra. Howard se casaram nos anos setenta, e um dia foi muito popular, porque somos especialistas não apenas em presentes divertidos, mas também em curiosidades bizarras. As pessoas costumavam fazer de nossa loja um destino de viagem. Mas, desde o surgimento da Amazon e do eBay, você não precisa mais sair de casa para encontrar bugigangas estranhas e cultas. Com apenas um clique, consegue recebê-las diretamente na sua porta.

O Sr. e a Sra. Howard sabem que não podem competir com o comércio online, e é por isso que nossas horas de trabalho têm reduzido progressivamente e eles finalmente venderam sua amada estátua do Homer-Simpson-vestido-de-Elvis, que cumprimenta os clientes na porta desde 1997. Eles são tão bondosos que não suportariam reduzir o tamanho da equipe, embora pudéssemos administrar a Ferro Velho muito bem para eles se fossemos apenas dois em vez de cinco.

Quase não há trabalho suficiente para todos, e estamos desesperados por mais horas. A frase *último a ser contratado, primeiro a ser demitido* me persegue por aí como se fosse o Fantasma do Natal Futuro.

— A loja está à beira do colapso — diz Nicholas levemente, acenando com a mão. — Não vai te afetar, Naomi. Você vai ficar bem.

Brandy faz um barulho sufocado.

— O que você quer dizer com não vai afetá-la? Naomi adora a Ferro Velho.

Nicholas não diz nada, apenas ajeita as próprias cartas em uma pilha organizada. É a gota d'água que faltava no copo.

— Se a Ferro Velho fechar, posso perguntar aos Howards se eles querem me contratar para trabalhar na lanchonete deles. — O Sr. e a Sra. Howard administram uma casa mal-assombrada durante o ano todo em Tenmouth, bem como uma lanchonete que serve comidas estranhas inspiradas em filmes de terror, chamada Comidos Vivos.

Todo mundo me encara. A veia na testa de Nicholas pulsa.

— Isso não fica muito longe daqui?

É o momento perfeito para jogar o dado enquanto respondo dramaticamente:

— Duas horas de viagem.

Sua voz é inexpressiva.

— Você teria que dirigir por duas horas para ir trabalhar. Em uma *lanchonete*. Depois, mais duas horas para voltar pra casa, todos os dias.

— Hmm. — Eu finjo considerar. — Se eu me mudar para Tenmouth, levarei apenas cinco minutos de carro. Eu poderia ir até com a minha bicicleta.

Meu olhar captura toda a sala e a sensação é magnífica. Uma centelha da velha Naomi Westfield surge, sugando de mim uma poeira que se acumula há dez meses. Quer dizer, eu acho que é ela. Já faz tanto tempo que essa Naomi e eu não ficamos juntas em um mesmo lugar, que não tenho certeza se a reconheceria, mesmo se nos cruzássemos na rua.

Meu pino minúsculo da Sra. Branca está na biblioteca agora, ao lado do pino do Sr. Marinho, de Leon, pronta para acusar alguém de assassinato. Ela tem uma miniatura de corda (parte das peças do jogo) e eu avalio minhas opções para ver quem vou enforcar com ela.

Meus olhos caem sobre o merdinha presunçoso perambulando no salão de jogos.

Bingo. Professor Black.

Esse Professor Black é uma encarnação particularmente hipócrita que adverte as crianças a não comerem alimentos açucarados, enquanto deixa uma montanha de Skittles ao lado dele na cama todas as noites. Ele é um vilão foragido do jogo Candy Land. É o ladrão da minha alegria e futuro pai dos meus filhos. Nesse momento, eu o amo vinte por cento.

O tom de voz de Nicholas é frio como gelo.

— Minha vida é aqui. Não vou me mudar para Tenmouth e desistir da minha vida para que você possa servir queijo-quente para caminhoneiros, Naomi.

Quando ele me chama de Naomi, definitivamente se refere à Sra. Nicholas. O anel de diamante na minha mão esquerda aperta demais, impedindo minha circulação. Os vinte por cento diminuem para dez, a porcentagem mais baixa de todos os tempos que faz minhas sirenes de autopreservação dispararem. Elas estão piscando e girando, *Alerta vermelho! Alerta vermelho!*

— Quero fazer uma acusação — digo no exato momento em que ele diz com uma autoridade suave, — Acho que deveríamos terminar por hoje. — Mas meu palpito pode encerrar o jogo, então ele espera e escuta.

Eu falo bem devagar, apenas para contrariá-lo. Ele odeia quando eu deixo duas pontas de uma frase soltas.

— Eu acuso...

Nicholas se inclina para frente.

Eu pego o pino dele e levo para a biblioteca. Ele vai gostar do lugar, lá ele

poderá estocar as prateleiras com livros sobre a necessidade de escovar os dentes em movimentos circulares em vez de de um lado para o outro.

— O Professor Black.

Brandy engasga. Melissa rabisca furiosamente em seu bloco de notas de investigador. Os olhos de Zach brilham com uma alegria maléfica. Nicholas apenas parece irritado. Mas Leon, eu noto, está sorrindo. Apenas um pouco, mas o suficiente porque, quando meus olhos pairam nele, ele me dá um olhar de interesse.

Um olhar que diz *então é aqui que você tem estado*.

Com uma voz forte e ousada, prossigo:

— Eu acuso o Professor Black de assassinato! Ele cometeu o crime na biblioteca, feito um idiota pretensioso, com o castiçal. — Eu sei que não foi com o castiçal porque eu mesma tenho essa carta, mas faço essa jogada mesmo assim porque: — É a arma mais estúpida possível.

Nicholas me encara profundamente durante uma eterna espiral de tempo, e é perfeitamente possível que terminemos nosso relacionamento por causa de um jogo de tabuleiro, o que seria um motivo de término incrível pra caramba. A mãe dele terá uma fortuna quando recuperar todos os depósitos dela. A oportunidade de poder ligar para proprietários de pequenas empresas e gritar que é melhor eles não cobrarem por uma escultura de rosas em gelo será a cereja do bolo do ano dela.

— Vá em frente, então. — Seus olhos não deixam os meus enquanto ele empurra o queixo para o centro do tabuleiro. Percebo que não prestei atenção na cor dos olhos de Nicholas, que por algum motivo pensei que fossem cinzas. De perto, intensos com o desafio, eles são de todas as cores do arco-íris.

Alheio ao fato de que estou tendo uma epifania, ele me encara, e suas íris, como um anel de humor, escurecem de um tom prata claro para um verde floresta.

— Verifique as cartas.

Faço isso o mais lenta e dramaticamente possível, começando a me animar com a velha Naomi. Ele quer tanto derrubar sua estatueta de Professor Black e cruzar os braços, mas está tentando permanecer civilizado. Dentistas já têm uma má reputação com quem tem fobia a eles e ele não vai conseguir suportar mais nenhum comentário negativo, mesmo vindo dos vermes rastejantes que são o pessoal da Ferro Velho.

Eu verifico as cartas e assobio. Zach me olha com conhecimento de causa.

Elas dizem: Sra. White, na cozinha, com a corda.

— Ora, quem diria! Parece que eu sou a assassina — digo alegremente. — Não achei que eu fosse capaz disso. — Nicholas me lança um olhar desconfiado. Acho que ele vai dormir com um olho aberto esta noite.

---

A pior parte de toda noite é a rapidez com que Nicholas a esquece.

Estamos em casa agora, ainda estou irritada e ele não. O homem está assando cookies e prometeu lavar todos os pratos, e agora não tenho para onde direcionar minha raiva, porque ele já *esqueceu*, o que significa que ele venceu.

Ele me oferece uma espátula para lamber, o que eu recuso porque talvez seu truque seja usar salmonela para me matar, dá um beijo molhado no meu cabelo e se afasta sorrindo para mim como se eu fosse uma criança inocente.

Ele sabe que não posso discutir com ele agora, porque se eu desenterrar algo negativo, vou parecer mesquinha. Por isso, fico na minha velha e habitual posição no sofá (na extrema direita do móvel), onde passei mil horas fingindo assistir televisão e fingindo ouvir Nicholas e fingindo estar feliz.

Eu tiro uma foto dele de costas para mim e posto no meu Instagram com um filtro rosado. Coloco três corações na legenda ao lado de um *“Noite de jogos com o meu amor! Não existe jeito melhor de encerrar um dia incrível, e não há mais ninguém com quem eu prefira passá-lo. Beijinhos. #AproveitandoAVida #VouMeCasarComMeuMelhorAmigo #BeijosDeAmorVerdadeiroDeUmRose”*

*#BeijosDeAmorVerdadeiroDeUmRose* é a nossa hashtag de casamento, e se você procurá-la no Pinterest, encontrará um milhão de fotos de buquês, talheres e vestidos de madrinhas dos quais gosto (mas que não me deixam ter). A dopamina surge em meu corpo quando vejo a primeira resposta ao meu post: *mds, vocês são tão fofos*; mas a sensação macia como pelúcia e travesseiro, transforma-se em uma de metal contra metal quando Zach responde com *kkkkkk até parece*. Excluo o comentário dele.

A culpa de eu ainda estar nessa confusão é minha, e sei disso. Sou a maior covarde que já conheci. Não estou fazendo um favor a nenhum de nós ao me recusar a desistir. Se Nicholas tivesse metade de um cérebro, ele desistiria também, então talvez estejamos os dois presos em algum empate silencioso, esperando para ver quem vai ceder primeiro.

Eu sei por que razão ele não vai. A mãe dele tem insistido para que ele se case e dê a ela netos para que ela possa classificá-los do mais favorito ao menos, dependendo de quem nossa prole azarada herdar as características físicas. Se Nicholas abandonar o barco agora, Deborah voltará a importuná-lo com a ideia

de que ele procrie usando os óvulos congelados de dez anos de uma amiga dela do tênis, Abigail, que morreu há um ano, e por seja lá qual for o motivo descomunal, deixou seus óvulos para a família Rose. Heather, a irmã de Nicholas, será a incubadora dessa abominação de criança.

Eu também não posso abandonar o barco. Tenho gritado para o mundo que estou perfeitamente feliz com meu relacionamento perfeito e, se eu desistir agora, vou parecer uma fraude.

Além disso, a Sra. Rose deu a entender mais de uma vez que, se eu desistir, ela vai me mandar a conta de todos os problemas que ela tiver. Se eu deixar o filho dela, ela sem dúvida me levará a um juizado de pequenas causas a fim de ser reembolsada pelos castiçais de cristal da marca Swarovski, personalizados com a letra *R* (*tudo* foi encomendado para ser customizado com a letra *R*), coisa com a qual eu não fui envolvida na escolha. Não tenho uma tonelada de economias, mas tenho um pouco de dinheiro guardado e vou defendê-lo com unhas e dentes.

— Minha mãe ainda fala sem parar sobre o acordo pré-nupcial — Nicholas diz do cômodo ao lado. Talvez tenhamos passado a noite toda aqui e minha imaginação inventou nossa ida à casa da Brandy. Estou sentada no mesmo lugar, enquanto olho para o mesmo ponto, e aquela minha agitação desconfortável na boca do estômago é um terceiro membro invisível do nosso grupo. Ela se materializa de forma confiável sempre que falamos sobre o casamento.

— Eu disse a ela que de jeito nenhum — ele prossegue quando eu não respondo. — Ela e o meu pai nunca tiveram um. Por que nós deveríamos? Não é como se você fosse me deixar.

Nicholas adora se parabenizar por não ter feito um acordo pré-nupcial. Ele pensa nisso o tempo todo, e eu sei disso porque ele não para de tocar no assunto. Ele espera que eu me junte a ele e dê um tapinha em suas costas, mas eu o deixo esperando.

— O corte de cabelo da Mandy está horrível — observa Nicholas, lançando um olhar sagaz para mim. — Aquela franja. Credo.

Ele sabe que o nome dela é Brandy. Eu a menciono pelo menos uma vez por dia. Estou soltando fumaça pelas orelhas não só por causa disso, mas porque eu tinha franja quando Nicholas e eu nos conhecemos. Ele diz o tempo todo como eu era bonita e como ele se apaixonou por mim imediatamente, e mesmo assim, há cerca de um ano, sempre que ele vê uma mulher com franja, ele me lembra o quanto as detesta.

— Fica bonita nela — eu digo na defensiva. É verdade. Brandy tem uma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "You Deserve Each Other: The Perfect Es..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).